TL1329-7

A PERDA DA MEMÓRIA, OU COMO FAZER O GEITO AO IMPERIALISMO INDONÉSIO

Ana Mouta Faria

Apresentação

O tema que decidi trazer a estas Jornadas é aparentemente de pouca relevância para a luta que o povo Maubere trava pelo seu direito à auto-determinação, contra o colonialismo indonésio.

É, sem dúvida, uma contribuição pequena; mas eu creio que os povos, tal como os indivíduos, quanto maior é a desproporção entre as suas forças e as dos seus adversários, tanto mais precisam de conhecer profundamente todas as artimanhas e todas as armas dos seus opressores, de forma a voltá-las contra estes, como brilhantemente fez Xanana, ao transformar a farsa do julgamento em Dili num julgamento internacional do regime indonésio. E só podemos conhecer as coisas profundamente quando as observamos na sua minúcia, no seu pormenor. É por isso que espero que não seja de todo inútil trazer à vossa reflexão um pequeno assunto, sem dúvida de importância secundária.

Trata-se de um tema de **geografia**, uma coisa quase escolar.

Trata-se de vos convidar a fazer comigo uma breve viagem pelos mapas de Timor-Leste, aparecidos nos últimos anos em diversas publicações do mundo ocidental, de autorias e responsabilidades diversas, todas elas em geral consideradas respeitáveis, pelo seu prestígio, umas no mundo científico, outras no plano das responsabilidades educativas ou morais.

A razão de ser desta 'viagem' é o facto de que, como afirmou há alguns anos um importante geógrafo, a geografia] esta "serve acima de tudo para fazer a guerra"[1]. Queria ele dizer que a forma de representar as diferentes regiões do mundo não é neutra em matéria de política, e, antes pelo contrário, pode ser e é usada como um instrumento dos poderes dominantes para impor a sua visão de determinadas realidades. E a eficácia deste instrumento - desta arma se preferirem - reside principalmente no seu ar "inocente", desprovido da malícia de segundas intenções. Pois se nem sequer se usam palavras, como se poderia fazer propaganda? Como se poderia enganar alguém?

---

[1] LACOSTE, Yves - **A Geografia Serve Antes De Mais Para Fazer A Guerra**, trad. port. 1977, Iniciativas Editoriais, Lisboa

Mas a verdade que reside mais no fundo das coisas é outra: fazer um mapa e colocar debaixo dos olhos das pessoas uma realidade que, no seu tamanho natural, a vista não consegue alcançar. É dar aos olhos a capacidade de ver imediatamente uma realidade; i.e., de a ler. É por isso que a verdade ou a mentira passam para as linhas dos mapas: porque o que está representado numa carta geográfica é apenas uma leitura da realidade.e não a própria realidade.

Se não, vejamos que leitura fizeram da ilha de Timor, dos povos e das nações que nela existem, algumas autoridades em matéria de geografia do mundo ocidental a que há pouco me referi.

**** Viagem ao Mundo dos Mapas: os aliados internacionais do colonialismo indonésio**

E. U.A.

Comecemos a nossa viagem pelos Estados Unidos da América do Norte, onde se publica uma revista de circulação internacional, o **National Geographical Magazine**, dedicada à divulgação dos conhecimentos mais actualizados nos diversos domínios da geografia, desde o meio físico aos povos e civilizações que habitam a Terra, e às suas actividades económicas, culturais e espirituais. Esta revista tem vindo a publicar, desde há anos, mapas políticos actualizados e minuciosos das diferentes partes do mundo, fazendo-os acompanhar de reportagens sobre os povos e países respectivos.

No número de Janeiro de 1989 a Indonésia era objecto de um extenso artigo[2] do qual faz parte o mapa que podem apreciar: dele não consta qualquer fronteira dividindo Timor indonésio de Timor Leste, apesar de o seu autor ser apresentado como "especialista em assuntos asiáticos"; tal como a reportagem também é silenciosa quanto a qualquer acontecimento relacionado com a nação Maubere.

Ignorância do nosso "especialista"?

Muito ao contrário, como prova a legenda junto à ilha de Timor:"uma guerra civil em Timor Leste que começou em 1975 vitimou mais de 100.000 vidas"; sem falar no "erro de cálculo", podemos ver que o nosso gato está escondido, mas ficou com o rabo de fora: porque só se usa a expressão "guerra civil" quando estão em luta duas facções dentro de um mesmo país; ora o autor não escreveu "uma guerra civil na Indonésia", e sim "uma guerra civil em Timor Leste", visto que a primeira frase seria um absurdo,

---

2 "Two wordls of Indonesia": pp. 96-127

historicamente falando; assim - sem o desejar - foi forçado a reconhecer indirectamente que Timor Leste é uma nação distinta da Indonésia. Mas, ao apagar a fronteira entre os dois Timores, e ao reforçar a imagem de unidade da ilha através do desenho da estrada que liga Kupang a Dili, o autor faz passar a "verdade" do regime Indonésio sobre a actual situação de Timor, (tal como também faz ao usar a cifra de vidas perdidas durante o período de guerra civil).

A demonstração mais clara de que não se tratava de um erro provocada por falta de informação, mas sim de uma opção consciente de apoiar a versão do imperialismo Indonésio, reside na resposta enviada a um assinante português, que então lhes escreveu a esclarecer a questão[3]. Nela, a redactora reconhecia, e "lamentava", ter contribuído para "aumentar a confusão" feita "entre a insurreição de Agosto de 1975 com a subsequente invasão da Indonésia", bem como o facto de ter atribuído à guerra civil um número de mortos de "pelo menos 100.000", quando na realidade este se referia "essencialmente ao período de 1975 a 1979 - e portanto também a três anos de ocupação indonésia - e justificava-se do lapso cometido com a dificuldade de ter de referir uma situação complicada em muito pouco espaço ("menos de três linhas"). A verdade é que a revista não se dignou informar os leitores num dos números seguintes, (como era seu dever se estivesse de boa fé), mas, pelo contrário, no mapa dedicado à Asia-Pacífico, saído em Novembro do mesmo ano, de novo se imprimiu exactamente a mesma versão, tal como no mapa-mundo publicado em 1992[4], Timor mais uma vez aparece sem a representação de qualquer linha de fronteira.

Inglaterra

Este desenho de Timor sem fronteira e apenas com a estrada ligando Kupang a Dili, reforçando assim aos nossos olhos o seu carácter unitário, é na verdade uma representação que foi adoptada noutros países.

---

[3] carta de 5 de Junho assinada pela investigadora-redactora Kathy Maher (em inglês).

Como se sabe, a sistemática confusão entre o número de vidas perdidas durante o período de guerra civil timorense (entre 2.000 e 3.000 de acordo com os cálculos feitos por observadores da Cruz Vermelha Internacinal) e a política de genocídio levada a efeito pela potência ocupante é utilisada pela diplomacia indonésia como um dos argumentos humanitários que justificaram a decisão de anexar Timor Leste ... a fim de evitar que os seus habitantes se matassem entre si; é exactamente deste argumento que o referido mapa de 1989 se faz porta-voz.

[4] no vol. 182, nº5, November 1992.

Estes mapas vão actualizando a edição monumental do **Atlas of the Wordl**, publicado também pela National Geographical Society, de cuja última edição (1992) o mapa nº 80 "Southeastern Asia"corresponde à versão já referida de 1989.

Se consultarmos o **Peter Atlas of the Wordl** de 1989, editado por uma casa britânica especializada nestas matérias, (Longman)[5] que aliás publica um trabalho de origem austriaca[6] (e que infelizmente não tenho para vos posso mostrar), verificamos também que Timor Leste "desaparece". São várias as cartas dedicados ao Sudeste Asiático, e em todos elas é evidente a aceitação da sua pertença ao estado Indonésio. São disto exemplos o mapa cujo título é Indonesia-Malasia (pp. 68-69) ou o relativo a Australia-West (pp. 72-73) que obedecem às caracteristicas que apontei atrás. Por outro lado, no mapa linguistico dos principais idiomas falados no mundo (intitulado Languages, a pp. 114-115), o português não consta para Timor-Leste nem como língua veicular nem como língua estrangeira mais falada; por consequência, de acordo com estas categorias que são cartografadas, [representadas nesse mapa], nada liga Timor Leste ao idioma português que confira especificidade ao território maubere no plano linguistico e, pelo contrário, também neste dominio, a ilha de Timor aparece aos olhos do leitor como um todo, no qual a língua estrangeira mais falada ... é o inglês!

Uma outra editora, The Time Books, publicou em 1991 duas versões de um outro atlas: **The Times Atlas of the Wordl - Compreensive Edition**, e **The Times Concise Atlas of the Wordl**. Em ambas existe a linha divisória entre o estado Indonésio e Timor Oriental, e este aparece designado como Timor-Timur; a diferença é que na primeira, muito mais cara, e destinada a um público muito mais restrito, de especialistas, a fronteira é mais nítida, apesar de não se usarem diferentes cores para as duas partes do território[7], enquanto na segunda edição, destinada a um público muito mais vasto, a fronteira é quase invisível a olho nú[8], sendo a impressão dominante a da unidade com a Indonésia, sugerindo uma espécie de "aliança envergonhada" com a cartografia de Djakarta.

Já a recente impressão do **Atlas of de Wordl** da responsabilidade da Universidade de Oxford, e distribuída simultaneamente não só em Inglaterra, mas também no Canadá e na Austrália, despreza completamente o 'rigor científico' das publicações referidas no parágrafo anterior: a ilha de Timor, a uma única côr, é um espaço sem fronteiras, e ligado pela estrada entre Kupang, Dili e Lautem[9].

---

5 **Peter Atlas of the Wordl**, Longman, 1989

6 da Akademische Verlagsantalt, de Vaduz

7 Mapa 19 "Indonesia Central: Philippines"

8 Mapa 71

9 The Oxford Hammond **Atlas of the Wordl**, Oxford University Press - Oxford, Melboune, Toronto, 1993 (Maio), mapa "Southeast Asia", pp. 126-127

França

Mudemos de país e vamos até França. Aqui, uma outra grande editora, prestigiada pela qualidade científica dos trabalhos publicados (Hachette), renova todos os anos um guia turístico em edição de bolso, destinado ao grande público[10].

Apesar de tamanha preocupação em manter actualizados os seus leitores, em nenhuma página é possível desconfiar da enorme tragédia vivida desde 1975 pela nação Maubere. Na carta sobre a Indonésia-Malásia-Filipinas, não há fronteira entre Timores, não obstante o cuidado em assinalar nela o protectorado britânico do Brunei na ilha de Bornéu, (metade indonésia e metade malaia). Timor Leste, pelo contrário, não faz nem parte da listagem dos estados independentes (pp.5-12) nem tão pouco da dos territórios não soberanos do continente asiático (a pp.110).

Mas, o "serviço" à versão oficial do regime de Jakarta vai mais longe: na nota sobre as divisões administrativas da Indonésia inclui-se "Timor depuis 1976" (p. 110) e acrescenta-se, entre parêntesis: "14. 925 Km2; 650.000 hab." Confusão 'inocente' que atribui a toda a ilha a população apenas de Timor Leste (anterior ao genocídio); e quanto à superfície, a confusão é ainda maior, porque não coincide nem com a de TL nem com a de Timor ocidental, sendo no entanto mais próxima desta última[11]. Assim se vão 'orientando' os compradores desta obra, e possíveis turistas naquela região do mundo, na ideia de que o povo Timur passou 'naturalmente' a fazer parte, desde 1976, do estado indonésio, sem nenhum respeito pelo não reconhecimento dessa integração pela comunidade internacional.

Semelhante atitude é adoptada pela mesma editora numa outra obra, de carácter mais especializado: a **Encyclopédie Geographique**[12].

Portugal

Aproximemo-nos agora das publicações portuguesas e abordemos apenas algumas que, tal como as anteriores, também se destinam ao grande público e são editadas por empresas cuja reputação no mercado livreiro é, em princípio, garantia de qualidade.

---

10 **Atlas de Poche**, Le Livre de Poche/Hachette, ed. (14ª) de 1983; Carta 22:Indonésia/Malásia/Filipinas

11 Timor ocidental pouco ultrapassa os 13.000 km2, enquanto Timor Leste se estende por 18.989 km2

12 Le Livre de Poche/Hachette, ed. de 1991

A edição monumental do **Atlas Geográfico** da Grande Enciclopédia Luso-Brasileira (conjunta ao Brasil e a Portugal) diz-nos sobre as fronteiras de Timor Leste exactamente o mesmo que todas as obras já apontadas: i.e., absolutamente nada[13].

Por outro lado, no dia 25 de Janeiro passado o jornal PÚBLICO fez sair uma notícia de acordo com a qual, "a maior editora portuguesa de livros escolares, a Porto Editora, fabrica e comercializa desde 1991 um **Mapa do Mundo** no qual Timor-Leste aparece como parte integrante do território indonésio", salientando o facto de a venda destes mapas se encontrar assegurada não apenas em Portugal como também nos PALOP. A redacção tinha-se dado ao trabalho, antes de imprimir a denúncia, de indagar junto de um dos responsáveis da editora as razões de tão insólito comportamento, e foi informada de que este "nunca tinha reparado no pormenor", tendo-se também justificado quer com a qualidade técnica dos desenhadores que ali trabalham na ilustração de obras de história e geografia, quer com o facto de que, à escala a que o mapa estava feito, Timor representar apenas um "pequeno ponto", sendo assim "difícil fazer qualquer distinção". O jornalista contestava semelhante argumento, fazendo a comparação com outros territórios autónomos da região, muito mais pequenos que Timor Leste, como o Brunei ou Macau (este de superfície mais de 100 vezes menor) que têm fronteiras com grandes países, e entre os quais não houvera dificuldade, apesar do tamanho, em registar no mesmo mapa tal separação.

Na mesma notícia, o responsável pela editora prometia corrigir o erro, caso existisse. E cumpriu o prometido, talvez porque considerasse prejudicial semelhante tipo de publicidade, como podem ver pela edição do mesmo mapa saído este ano e que aqui está: precisamente à mesma escala, Timor Leste aparece a côr diferente da côr da Indonésia, com a linha de fronteira assinalada, incluindo o enclave de Ocússi-Ambeno, e com o nome do país perfeitamente visível... Quanto não vale a vigilância dos leitores e a publicidade negativa! Seria necessário lembrar de novo à Porto Editora que deve também corrigir o mesmo erro que consta de outra publicação, destinada ao público das escolas, e igualmente à venda para o próximo ano lectivo: o manual escolar de Geografia do 9º ano, da autoria de Ênio Semedo e José Queiroz[14].

Aliás, quanto aos manuais escolares de geografia para o 9º ano do ensino secundário - o ano em que os estudantes portugueses aprendem a conhecer o continente

---

[13] Editora Enciclopédia Ltda, Lisboa-Rio de Janeiro, mapas 2 (pp. 136-137) 26 (pp. 182-183) e 59 (pp. 244-245)

[14] edição de 1991. Manda porém a verdade que se diga que num outro manual de Geografia/9º ano desta mesma editora, de que são autores António Carvalho, António Palma e José Diogo, no mapa da Ásia, Timor Leste aparece separado da Indonésia por um traço.

asiático - o panorama é tristemente notável. Dos cinco manuais que pude observar numa livraria de Lisboa, à venda para o próximo ano lectivo, quatro (ou seja, oitenta por cento!) contêm mapas desta região que dão voz, fielmente, à versão de Djakarta sobre a "integração" de Timor Maubere, sem que os seus responsáveis se tivessem manifestado incomodados com a falta de seriedade científica do trabalho, impondo a retirada do mercado. Como seria fastidioso estar aqui a enumerá-los, quem quiser pode ver a lista que elaborei com todas as referências necessárias para a sua identificação[15].

Felizmente, para não citar apenas exemplos de triste memória, apontarei dois casos em que a posição assumida é a oposta. Trata-se de dois atlas, obras destinadas ao público juvenil por duas editoras especializadas, o **Atlas Geográfico** da Editorial Verbo e o **Novo Atlas Geográfico** das Edições Sá da Costa e nos quais a representação de Timor Leste como entidade politicamente autónoma da Indonésia é assinalada, quer através do uso de cores distintas, quer do traçado das fronteiras incluindo Ocússi-Ambeno e Ataúro, quer da legenda "TIMOR LESTE" em letras bem nítidas[16]. Neste último encontra-se aliás incluído Timor Leste na lista dos "países independentes", ao contrário de todas as outras publicações consultadas.

Um caso diferente

A nossa viagem através dos países acabou, e nem temos tempo para mais. Mas vou referir-me ainda a um outro exemplo de utilização da geografia como forma de manipulação da juventude ao serviço do colonialismo indonésio, que é por demais esclarecedora das intenções que lhe estão por detrás (o tal rabo do gato...).

Desta vez trata-se de uma outra publicação, a revista **Juventud Missionera**, editada pela congregação de missionários católicos Salesianos, e difundida para todo o mundo de língua espanhola com a finalidade específica de fazer apelo à juventude para a propagação missionária da sua fé.

Recentemente na rubrica "Jornada Misionera Salesiana", destinada a divulgar em cada número uma obra missionária diferente, podia ler-se o seguinte: "Este ano, a preocupação do Secretariado das Missões (desta congregação) fixou-se na Indonésia y,

---

15 Quadro I

16 **Atlas Geográfico**, Editorial Verbo, Lisboa-S. Paulo, 1991, mapas nas pp. 19 e 30;
Novo Atlas Geográfico, Edições Sá da Costa, 1986, copyright Esselte Map Service AB Stokholm, Suécia; responsáveis pela versão portuguesa: Suzanne Daveau e Orlando Ribeiro, pp. 4-5, 22-23, 26-27, 28-29.

concretamente, na povoação e obra de Venilale: um orfanato...". Para aqueles que não têm presente a geografia de Timor Leste, eis onde fica Venilale: bem na parte sudeste da ilha. Mas não se trata apenas de mostrar como se consagra em texto a aceitação da ocupação de TL como forma legítima de integração que uma parte da igreja Católica deu, e continua a dar por boa. Só isto não seria novidade, certamente. Trata-se de que, em complemento ao referido artigo, vem publicado um concurso, destinado aos mais novos, que inclui um mapa da ilha de Timor, e por essa razão o trago hoje aqui. Os concursos são, como sabem todos aqueles que são professores, uma forma óptima de ensinar porque, através de uma actividade que é um jogo - e na qual por conseguinte o aluno se diverte - a criança vai descobrindo, por si própria, as respostas que lhe são apenas sugeridas. Tanto assim é, que hoje em dia é muitíssimo frequente os nossos testes de avaliação de conhecimentos, sobretudo ao nível do ensino básico, terem essa forma, para motivarem mais fortemente os jovens estudantes. Ou seja, concursos como o que vamos ver aqui, podem ser usados como uma forma de pedagogia, uma técnica de ensino, na qual aparentemente o aluno é livre de descobrir a solução para as questões apresentadas, mas que na realidade indica já o caminho a dar à resposta.

Se repararem nas perguntas do concurso sobre - como atrás se disse - uma povoação "situada" na Indonésia, veem facilmente que elas se referem à totalidade da ilha de Timor como fazendo parte de um único estado. E apesar de nos encontrarmos bem no interior do território Maubere, para que não haja dúvidas na cabeça dos jovens leitores, os nossos amigos, através das perguntas nºs 6, 7 e 8, encarregam-se de ensinar que o estado ao qual ***pertence*** Venilale: é a Indonésia, de que fazem, ainda por cima, propaganda por conta próprio

Estaremos ou não perante um caso da mais descarada utilização da pedagogia da mentira?

Serve ou não a geografia, até através de um passatempo tão inocente como este, para fazer a guerra ao povo Maubere?

***** Conclusão: os aliados do povo de Timor Leste e algumas coisas que se podem fazer**

Destes vários exemplos aqui apontados, podemos verificar que, nos últimos anos, nos aparecem duas formas distintas de representar Timor-Leste em mapa. Dum lado (e na maioria dos que hoje observámos), não existe na ilha de Timor fronteira entre Timor Maubere e Timor ocidental, é usada a mesma côr para representar o estado indonésio e o estado timorense, falta a indicação do nome do país, e com frequência aparece
país

representada a estrada ligando Kupang a Dili, as capitais dos dois Timores, reforçando a aparência visual de unidade da ilha; do outro lado, a linha de fronteira entre os dois estados é nítida, são utilizadas cores difererentes para os representar (incluindo o enclave de Ocússi-Ambeno) e aparece o nome de Timor-Leste.

Estes dois modelos diferentes não são politicamente neutros, mas, pelo contrário, correspondem objectivamente a duas opções: no primeiro caso, aceita-se a política de invasão, anexação e genocídio praticada pelas grandes potências ao arrepio do direito de todos os povos à auto-determinação do seu futuro; no segundo, respeitam-se as decisões da comunidade internacional no sentido de fazer observar o direito à auto-determinação, e repudiam-se as violências cometidas, e o atropelo de todos os Direitos Humanos.

Cada uma destas opções significa por conseguinte a aliança com um dos dois lados deste conflito: a primeira é a aliança com o imperialismo indonésio, e as vantagens económicas que ele pode proporcionar, sobretudo se assente numa política de saque e de rapina dos recursos naturais que pertencem ao povos colonisados; no segundo caso, a aliança é com o martirizado e heroico povo Maubere que continua a bater-se pelo direito a decidir do seu destino.

Como estas Jornadas agrupam aliados de Timor-Leste, vejamos se é possível adiantar algumas sugestões concretas para reforçar a sua luta, a partir do exterior, que é onde nos encontramos, e por isso, onde podemos actuar.

Parece-me que o exemplo dos 2 mapas da Porto Editora é bem elucidativo: se protestarmos, e se recusarmos aceitar, é possível impor, pelo menos em Portugal, uma representação correcta do território timorense:

- podemos denunciar junto da imprensa periódica as publicações de natureza geográfica que desrespeitem o reconhecimento internacional da autonomia de Timor-Leste;

- nos estabelecimentos de ensino, os professores de geografia, podem e devem recusar a utilização de manuais escolares, mapas e atlas com as mesmas características; podem devolver às editoras as aquisições feitas e exigir a troca, gratuita, por outras que sejam cientificamente correctas, dado que foram prejudicados no seu direito de consumidores;

- os pais dos alunos a quem sejam indicadas obras com as mesmas características podem igualmente contestar, junto dos conselhos directivos e dos grupos de Geografia das escolas, a escolha desses manuais, de modo a que a situação seja corrigida;

- timorenses ou elementos de grupos de solidariedade podem alargar a análise que hoje aqui trouxe (e que não está completa) a todas as publicações escolares ou para-escolares, e podem publicá-la em revistas ou em jornais; podem ainda contactar a Associação Portuguesa dos Professores de Geografia, de modo a pensar acções conjuntas neste campo;

- se esta Associação de Professores, ou outras entidades portuguesas ligadas quer ao ensino quer à investigação da Geografia forem receptivas, podem-se estudar acções junto de editoras de outros países, protestando contra formas cientificamente incorrectas de representação de Timor-Leste; e se se fundamentarem esses protestos também com alguma história da ocupação indonésia, estaremos a fornecer elementos para divulgar a situação em vários domínios.

Este assunto é, como disse ao princípio, uma coisa que parece bem pequena. Mas pegando nela, estaremos a inutilizar uma das muitas armas usadas pelos opressores da nação Maubere. E, desse modo, não aceitaremos que o regime de Suharto apague o povo de Timor-Leste da memória do Mundo (e sobretudo das gerações jovens, que são as que maioritariamente utilizam este tipo de obras), através da leitura geográfica que impõe aos seus aliados.